

GRAMSCI: SUAS OBRAS E SEUS LEITORES

BOH-UFC
PERIÓDICOS

LUCIO OLIVER COSTILLA*

RESUMO

Neste artigo, Lucio Costilla fala da publicação de uma nova edição dos *Cadernos do Cárcere*, no ano 2000, no Brasil, ressaltando a importância do pensamento de Gramsci, como referência teórica, na interpretação de aspectos da política e do Estado latino-americanos, na atualidade. Nesta perspectiva, explica também as razões que o levaram a coordenar a publicação deste número especial desta revista, por ocasião da sua permanência no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC (2002-2004), como professor visitante.

ABSTRACT

In this article, Lucio Costilla writes on the publication of the new edition of the *Prison Notes*, in 2000, in Brazil, emphasizing the importance of Gramsci's thought, as a theoretical reference, in the interpretation of politics and the current Latin-American state. In that perspective, he explains also the reasons that led him – during his presence as a visiting professor in the Graduate Program in Sociology at UFC (2002-2004) – to coordinate a special thematic issue of the *Revista de Ciências Sociais* (*The Journal of Social Sciences*).

*Doutor em Sociologia, professor titular da Universidade Autônoma do México (UNAM) e Professor Visitante, no Departamento de Ciências Sociais / Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (2002-2004).

Estes meus dois últimos anos de pesquisa e docência sobre o Estado moderno e sobre sociologia política, na Universidade Federal do Ceará (UFC), foram enriquecidos com uma releitura dos *Cadernos do Cárcere* (1929-1935), do pensador comunista italiano, *Antonio Gramsci* (1891-1937).

Interessado em procurar entender as novas tendências sócio políticas do processo de globalização em curso, assentado na transnacionalização do capital, enveredei pelo estudo de Gramsci, um autor de suma atualidade. No trabalho docente na pós-graduação de Sociologia da UFC, junto com a professora Alba Pinho de Carvalho e um grupo particularmente interessado de estudantes, descobrimos a pertinência do pensamento político de Gramsci para entender os dilemas da nova realidade do século XXI. Na procura dos textos, encontramos a edição brasileira do ano 2000, dos *Cadernos do Cárcere*, reorganizada pelo pesquisador e político italiano do século XX, Valentino Guerratana, em seis volumes, e editada por Carlos Nelson Coutinho.

Pessoalmente, reli com atenção e interesse esse material de Gramsci, enumerado, completo e datado, e conclui que contém elementos de

ciência da política e do Estado Moderno que, pelo que se pode observar na literatura corrente de sociologia política, ainda não foram incorporados à linguagem e ao pensamento das ciências sociais contemporâneas, ou, pior ainda, foram incorporados de forma superficial, e, por vezes, até contrária, às concepções do autor.

Os cientistas políticos da segunda metade do século XX tiveram uma estranha resistência para assimilar as novas perspectivas teorizadas por Gramsci e, em geral, se mantiveram no horizonte clássico do século XIX, entendendo por Estado Moderno exclusivamente a moderna sociedade política

representativa, burocratizada e institucionalizada. Gramsci, no entanto, descobriu, desde os anos vinte e trinta do século anterior, o horizonte da totalidade social e da fundamentação histórica do pensamento social, posto por Marx, esquecido pelos marxistas, tanto pelos economicistas quanto pelos voluntaristas e, ele, a partir daí, desenvolveu as noções de sociedade civil e hegemonia civil, como componentes centrais duma 'concepção ampliada' do Estado Moderno do século XX, que abre vias para uma superação da profunda crise da política na contemporaneidade.

Esta constatação me levou a desenhar um projeto de re-apropriação e re-apresentação do pensamento do cárcere de Gramsci para o público da Revista de Ciências Sociais da UFC. Assim, coordenei a elaboração de um conjunto de artigos sobre as diversas teses dos *Cadernos do Cárcere*, textos que compartilham o mesmo interesse, além de incluir também um breve dossiê de escritos imediatamente anteriores à estadia de Gramsci no cárcere, textos que contribuem para entendê-lo melhor.

Mas, como refletir e expor, hoje, os elementos esquecidos, menosprezados e até tergiversados sobre o Estado e a política modernos, que estão contidos nos extensos volumes dos *Cadernos do Cárcere*, especialmente no volume III, que contém textos sobre Maquiavel e as notas sobre o Estado e a política, tanto no caderno 13, especial, como nos inúmeros cadernos miscelâneos? Como ler escritos que Antonio Gramsci produziu de maneira fragmentada, dispersa, sob a vigilância do censor no cárcere fascista de Mussolini, sob o desinteresse e até a hostilidade dos partidos comunistas da Terceira Internacional e sob o esquecimento dos colegas do Partido na Itália? Como relacionar esses textos com os debates da sociologia e da ciência política de hoje?

Na América Latina, existem diversas leituras do pensamento de Gramsci. A primeira, nos finais dos anos 60 do século passado, apresentava as idéias do pensador e, em geral, procurava se situar “a favor” dele, no debate com os partidos comunistas ortodoxos stalinistas, além de ser uma novidade fecunda no pensamento crítico das sociedades de capitalismo desenvolvimentista do pós-guerra. Eram leituras que tentavam ‘tornar legíveis’ os conceitos de Gramsci para o grande público e que alimentavam a crítica do capitalismo de Estado e o desenvolvimento da organização autônoma das sociedades civis. Nestes termos, situavam-se coletâneas diversas das notas do cárcere, agrupadas por temas específicos, tomadas de cadernos incompletos e isolados, de Gramsci, todavia, não classificadas, e somente agrupadas por afinidade temática, sem

integração entre si. Na época, apareceram, quase no final da década de 1970, também, livros de autores europeus, entre os quais estão os que foram especialmente bem recebidos na América Latina, já clássicos na Região: *O conceito de hegemonia em Gramsci*, de Luciano Gruppi; *Gramsci e o Estado*, de Cristine Buci-Glucksman e *A favor de Gramsci*, de Maria Antonietta Macchiochi; e, no Brasil, os textos sobre Gramsci de Carlos Nelson Coutinho. Este último continuou, em períodos posteriores, desenvolvendo pesquisas e coletâneas, ao lado de outros estudiosos.

Nos anos 1980, se desenvolveu na Europa uma leitura ideológica-culturalista da noção de hegemonia de Gramsci, na tentativa de um reposicionamento político dos partidos comunistas europeus e de alguns intelectuais (tornou-se bem conhecido o trabalho de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, editado em 1985). Essa leitura da luta pela hegemonia como procura exclusiva do ‘consenso’, deixando fora as bases de classe da luta política, foi assimilada na América Latina, em época posterior às ditaduras militares no Brasil, na Argentina e no Chile, e também após a eclosão da crise do partido de Estado, no México.

Por outro lado, no contexto de emergência duma sociedade civil em luta contra o velho Estado autoritário ou ditatorial, houve também um importante desenvolvimento de conceitos “aparentados” com Gramsci. No Brasil, apareceram novas publicações de revisão de Gramsci, de Carlos Nelson Coutinho, Edmundo Fernandes Dias e Emir Sader. E, junto com eles, e em oposição a eles, apareceu toda uma literatura favorável à sociedade civil, que a entendia, com maior ou menor virtude, como o oposto do Estado (Pedro Demo, Bresser Pereira, por exemplo).

Nos anos 1990 e no início deste século, se publicam textos que mostram uma virtuosa e madura ‘apropriação de Gramsci’, no Brasil, para a análise dos problemas de uma emergente sociedade civil e da criação de um novo espaço público. Entre eles, pode se destacar o livro de

Evelina Dagnino, *Sociedade civil e Espaços públicos no Brasil*, que coordena e recupera criticamente experiências diversas, de atuação conjunta do Estado e da sociedade civil, no Brasil e em outros países da América Latina.

Com o aparecimento, no ano 2000, da nova edição dos *Cadernos do Cárcere*, em seis volumes, com os cadernos e as notas classificadas, datadas e agrupadas rigorosamente segundo temas, datas e cadernos, se viabiliza e se impõe uma re-leitura diferente, de Gramsci, apropriada para o século XXI. A questão já não é re-apresentar o autor comunista para estar “a favor dele” num debate político ideológico contra os ortodoxos economicistas. Hoje, trata-se de refletir “com ele” e, “a partir dele”, sobre novos fatos da política e do Estado atuais: de encontrar Gramsci para nos explicar o deteriorado universo da política de inícios do século XXI; a burocratização extrema das sociedades políticas; a crescente despolarização da cidadania, assim como para entender os movimentos críticos dessas tendências que procuram por uma cidadania ativa e novos espaços públicos democráticos. Trata-se de pensar, com Gramsci, acerca das mudanças do Estado neoliberal de competição dos países centrais, assim como sobre a crise do Estado gerencial financeiro, liberal social, de democracia delegativa, dos países periféricos. Procura-se Gramsci, na crítica do dilema de fundamentar, separadamente, os defeitos da sociedade política ou os logros da sociedade civil; para mostrar um pensador que fala da busca de uma unidade de luta em ambas as esferas. Assim, também é importante analisar, com Gramsci, a moderna sociedade capitalista pós-Grande Indústria, a realidade da mundializada indústria inteligente de cooperação complexa e do trabalhador coletivo combinado (Teixeira, 2004), que integra, num todo, o mundo globalizado e dominado pelo capital financeiro; que articula as economias centrais com as economias locais dos países pobres, dependentes e periféricos. Trata-se de pensar, com Gramsci,

sobre o aparecimento de uma nova unidade mundial de produção e acumulação que funde as distintas expressões do capital num todo, e transforma os trabalhadores em operários pós-fordistas, assim como prolonga a vida e até faz renascer os precarizados trabalhadores das montadoras, maquilas, pequenos produtores independentes, trabalhadores informais e desempregados estruturais.

Dado que Gramsci, inclusive com a nova edição dos *Cadernos do Cárcere*, é um autor de cadernos e notas fragmentadas e incompreensíveis numa primeira leitura, como então fazer a re-apropriação e re-apresentação de Gramsci, sem seguir o método de enumerar frases inteligentes, descontextualizadas, parciais e inúmeras, sem usá-las como critério de verdade?

Ainda não parece possível, pelo menos a partir da América Latina, uma desejável releitura, ‘nota’ a ‘nota’, dos 29 cadernos do cárcere publicados, e das 2.059 notas, para torná-las compreensíveis, uma a uma, desglosar as colocações aí vertidas, desentranhá-las e ampliá-las com os desenvolvimentos faltantes. O que é possível, por agora, é considerar o contexto histórico-político e ideológico de Gramsci, mergulhar em algumas teses das notas e dos cadernos, para mostrar o método de análise, o eixo teórico metodológico das mesmas e, chamando a atenção para a coerência que une a reflexão de diferentes notas. Por que Gramsci diz tal coisa? Qual raciocínio está por trás do que ele diz? Como se explica tal idéia? Isto é, não mais uma apresentação a favor do que ele diz, e sim uma reflexão sobre “porque ele diz o que diz” e o que tem a ver conosco. Nesse sentido, ficará claro que Gramsci não separa teoria e política, nem história e análise: é a própria história que gera as preocupações e o terreno no qual se desenvolvem as alternativas de vontade e ação.

Agora, deixemos falar os autores dos textos incluídos neste dossiê para satisfação dos leitores interessados.

Fortaleza, junho de 2004.